



PEREIRA, Waldemar Valença. A lágrima de uma caeté, de Nísia Floresta, como corpus sensível e possível para o 9º. Ano. In: **Revista Épicas**, Ano 1, N. 1, Jun 2017, p. 194-211.

**A LÁGRIMA DE UM CAETÉ, DE NÍSIA FLORESTA,  
COMO CORPUS SENSÍVEL E POSSÍVEL PARA O 9º ANO**  
*ABOUT THE TEARS OF THE CAETÉ, BY NÍSIA FLORESTA,  
AS A SENSIBLE AND POSSIBLE CORPUS FOR YOUNG STUDENTS*

Waldemar Valença Pereira <sup>1</sup>  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

**RESUMO:** Este relato sobre o Trabalho de Conclusão Final (TCF), no PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras), pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) “*A lágrima de um Caeté*, de Nísia Floresta, como *corpus* sensível e possível para o 9º ano”, foi pensado após a defesa de mestrado desse texto dissertação. Utilizamos a poesia *A lágrima de um Caeté* (1849), de Nísia Floresta (1810-1885), quando medianos o ensino de jovens estudantes em sala de aula. Para que a nossa ação pedagógica funcionasse de um modo crítico, fundamentamo-nos em pesquisas de Anazildo Vasconcelos da Silva, sobre a semiotização literária do discurso, posteriormente desenvolvidas, também, por Christina Ramalho, e em estudos de historiografia literária de Adauto da Câmara e Constância Lima Duarte. Outros intelectuais, como Tzvetan Todorov, Umberto Eco e Roland Barthes, somados a Sílvia Romero, Marisa Lajolo e Regina Zilberman, entre outros, auxiliaram-nos nessa pesquisa. Realizamos um projeto pedagógico e literário, intitulado “Poesia ilustrada 2015”, e, assim, proporcionamos momentos de mediação, com a juventude estudantil, dotando-a de habilidades e competências linguísticas, para uma possível aprendizagem sobre “heroísmo épico”.

---

<sup>1</sup>Graduado em Letras Português (Licenciatura), pela UNIT (Universidade Tiradentes), no Estado de Sergipe, em 2006. Possui especialização *lato sensu* em Psicopedagogia pela mesma universidade, em 2013. Concluiu o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), pela UFS, Unidade de Itabaiana, com bolsa financiada pelo CNPq, desenvolvendo um TCF (Trabalho de Conclusão Final) intitulado “*A lágrima de um Caeté*, de Nísia Floresta, como *corpus* sensível e possível para o 9º ano”, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Christina Ramalho, entre 2013 a 2015. Exerce a função de professor efetivo da Rede Pública de Ensino em Sergipe, atuando em nível de Ensino Regular Fundamental e Médio, assim como no EJA (Educação de Jovens e Adultos). É membro temporário do CIMEEP (Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos). E-mail: letrabrazil@ig.com.br.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental; Literatura Brasileira; Nísia Floresta; poesia épica; Heroísmo épico.

**ABSTRACT:** This report on the Final Conclusion Work (TCF), at PROFLETRAS (Professional Master's in Letters), by Universidade Federal de Sergipe (UFS) "*A lágrima de um caeté*, by Nísia Floresta, as a sensible and possible corpus for the 9th year ", was thought after the master's defense of this dissertation text. We used the epic poem *A lágrima de um caeté*, (1849), by Nísia Floresta (1810-1885), in our classes for young students of our Elementary School. For our pedagogical action to function critically, we are based our methodological strategies on researches by Anazildo Vasconcelos da Silva, on the literary semiotization of discourse, later developed also by Christina Ramalho, and in studies of literary historiography of Aduino da Câmara and Constância Lima Duarte. Other intellectuals, such as Tzvetan Todorov, Umberto Eco and Roland Barthes, together with Silvio Romero, Marisa Lajolo and Regina Zilberman, among others, helped us in this research. We carried out a pedagogical and literary project, entitled "Illustrated Poetry 2015", and, thus, we provide moments of mediation, with our young students, endowing it with linguistic skills and competences, for a possible learning about "epic heroism".

**Keywords:** Elementary School; Brazilian literature; Nísia Floresta; Epic poetry; Epic heroism.

## Introdução

Elaboramos este relato sobre a pesquisa de mestrado "*A lágrima de um Caeté*, de Nísia Floresta, como *corpus* sensível e possível para o 9º ano", orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christina Ramalho, que foi defendida na Universidade Federal de Sergipe (UFS), em 05 de agosto de 2015. Essa pesquisa cumpriu-se como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em Letras, através do programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

Pensando em construir práticas de mediação do ensino de Língua Portuguesa, escolhemos uma poesia épica brasileira. A vontade de dialogar com a obra *A lágrima de um Caeté* (1849), de Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida como Nísia Floresta (1810-1885), nasceu durante esse curso de Mestrado Profissional, quando, em conversa de orientação de pesquisa, discutimos sobre o poema da escritora (Mantivemos a palavra caeté com "C" maiúsculo, para seguir o uso adotado por Constância Lima Duarte). Em 1995, Duarte elaborou uma opção de releitura, não só da vida, mas também da obra de Floresta, incluindo publicações internacionais (França, Itália e Londres), e elucidando cientificamente o segredo autoral de obras de autoria(s) duvidosa(s), sob o rótulo (autoral) de pseudônimos, como, por exemplo, o poema épico *A lágrima de um Caeté* (1849), publicado sob o mistério do nome Telesila. Conta-se que Telesila, poetisa grega, nascida provavelmente no século VI a. C., viveu em Argos e assumiu a liderança da resistência contra as tropas espartanas de Cleómenes. Na ausência do exército de Argos para protegê-la, vestindo-se de forma masculina, acompanhada por outras mulheres e escravos, Telesila conseguiu liderar a vitória na resistência frente aos guerreiros espartanos.

Os pseudônimos de Nísia (ou textos sob o véu dos anonimatos) foram criados também na intenção de evitar a censura imperial brasileira, principalmente por suas obras geralmente incutirem um teor revolucionário contra o conservadorismo vigente, seja na educação, seja na estética literariamente romântica em vigor no Brasil Império, perto da metade do século XIX. Não era, portanto, apenas uma questão de *marketing* editorial voltado aos jornais e aos livros.

Infelizmente, a única forma permitida às mulheres, no Brasil, para prosseguirem seus estudos era o entretenimento. Por isso, Nísia não pode ser condenada como preconceituosa, ao contrário, ela que foi, no Curso de História da Humanidade, aluna de Auguste Comte, o francês considerado fundador do Positivismo, defendia em seus atos uma leitura que fosse além do “entreter o vosso espírito”. Não foi à toa que Marisa Lajolo e Regina Zilberman, na obra *A formação da leitura no Brasil*, apontaram que:

A mais conhecida militante em prol da educação feminina no século XIX foi Nísia Floresta. O *Opúsculo humanitário*, de sua autoria, é inteiramente dedicado ao tema, proclamando a necessidade de formar e instruir a mulher, a fim de que ela possa assumir suas funções na sociedade (1999, p. 258).

Essa obra, chamada de *Opúsculo Humanitário*, foi publicada em 1853, no Rio de Janeiro, ou seja, quase um ano depois de Nísia ter voltado de sua primeira viagem à Europa. Foram, no total, três viagens para o continente europeu. Contabilizando, Nísia viveu quase 30 de seus 75 anos de vida na Europa. A primeira viagem, a mais curta, ocorreu logo após a publicação de *A lágrima de um Caeté*, em 1849, e terminou no ano de 1852. A segunda, iniciada em 1856, foi a mais longa: durou dezesseis anos.

Em 1872, Nísia retornou ao Brasil, já tendo livros publicados em francês, italiano e inglês. Em 1875, contudo, Nísia escolheu a França como moradia. Em síntese, até os quarenta anos, Nísia viajou muito pelo Brasil de Norte a Sul, deixando a sua cidade natal de Papari, no Rio Grande do Norte, passando por Pernambuco, pelo Rio Grande do Sul, e pelo Rio de Janeiro. Após essa idade, a opção por residir na Europa, de certo modo, contribuiu para que a escritora ficasse esquecida pela crítica brasileira.

Nísia Floresta, contudo, foi aos poucos redescoberta, ainda mais a partir de 1938, com uma reedição editada pela *Revista das Federações das Academias de Letras*, que continha um

estudo crítico de Modesto de Abreu e comentários de Adauto Câmara sobre a obra da autora. Foi o próprio Adauto Câmara quem fez uma pesquisa e a publicou no livro *História de Nísia Floresta* (1941), abrindo caminho para um novo viés crítico sobre a escritora poliglota.

Em dezembro de 1948, como reconhecimento à importância de Floresta para a cultura brasileira, o Decreto-Lei 146 modificou o nome da cidade de Papari, no Rio Grande do Norte, para “Nísia Floresta”. Hoje, muito tempo depois de viver o anonimato nos jornais oitocentistas, ainda há nos manuais de literatura das últimas décadas do século XX e das primeiras décadas do nosso século XXI, um descaso com o estudo literário sobre Nísia Floresta. Talvez isso aconteça, quem sabe, por uma questão não só de erro de percurso historiográfico, a princípio, mas, provavelmente, por razões de dificuldade de acesso a suas obras e a seus escritos jornalísticos.

Foi assim que aprendemos com Adauto da Câmara e com Constância Lima Duarte, grandes especialistas no assunto, que Nísia foi amiga e discípula de Augusto Comte. Ao conhecê-la e à sua obra poética, percebemos, especialmente em *A lágrima de um Caeté*, um excelente potencial de questões relacionadas ao índio brasileiro, ao conceito de heroísmo épico e ao trabalho com a linguagem que foi explorado com estudantes do Ensino Fundamental. O desafio foi o de escolher como *corpus* para ações didáticas voltadas para a leitura literária, no Ensino Fundamental, um texto longo, mais exatamente, do século XIX, com feição épica, e que, de modo geral, seria considerado não atraente para estudantes das faixas etárias envolvidas em nossa pesquisa *stricto sensu*. A seguir, relataremos sobre qual a fundamentação crítica e teórica que nos embasou; qual metodologia escolhemos para mediar nosso ensino. Além disso, descreveremos, brevemente, a nossa análise de dados e as indagações que a permeou, conduzindo-nos a uma proposta para estimular a leitura entre jovens brasileiros.

### **1. “A lágrima de um Caeté”, de Nísia Floresta, como *corpus* sensível e possível para o 9º ano**

Na obra nisiana, o protagonista (e herói) Caeté surge no poema depois de uma proposição ou “apresentação”, intitulada de “Avant-propos”. É nela, bem no início do poema, que constatamos a existência de uma categoria conhecidíssima do gênero épico: a proposição épica. É assim que somos apresentados ao poema prosaicamente:

O infeliz Caeté, apesar de ter chegado a esta corte no mês de Fevereiro logo depois da revolta dos Rebeldes em Pernambuco, é somente agora que lhe permitiram aparecer, e isto depois de o terem feito passar por mil torturas inquisitoriais! ... Graças à benfezeira mão, que o fez renascer, qual Fênix, das cinzas a que o haviam ou queriam reduzir! (FLORESTA, 1997, p. 35).

A proposição pode ser, se mantivermos como parâmetro o conteúdo do poema épico, de três tipos: referencial, simbólica ou metalinguística (RAMALHO, 2013, p. 31). Sabemos também que a proposição épica, sendo “(...) destacadamente referencial, funcionará como um registro funcional; quando metafórica ou simbólica, indicará ou mapeará, significamente, os aspectos que ganharão densidade semântica no decorrer do texto” (Ibidem, p. 32). Por outro lado, quando a proposição for “(...) metalinguística, geralmente realçará o papel da epopeia como expressão cultural” (Idem, ibidem).

O que acontece é que, em Nísia Floresta e seu épico poema, sob o âmbito da análise do conteúdo, encontramos uma proposição predominantemente simbólica. As relações metafóricas e metonímicas ajudam a compor o significante poético de modo simbólico. O poder sugestivo de inúmeros poemas prioriza o uso desses recursos estilísticos por poetas que, ao se utilizarem das relações entre as palavras, no contexto poético das figuras de linguagem, em pleno discurso literário, são capazes de redimensionar automaticamente o sentido das palavras.

Explicando melhor, a expressão o “infeliz Caeté” é uma figuração, acobertando uma relação metonímica, e, por extensão, metalinguística, pois essa expressão significa também o “livro de poema” que foi tipografado para ser comercializado. O Caeté que seria o personagem, nessa poesia, surge no “Avant propos”, feito um sinônimo para um “poema nisiano”.

Por fim, sob o efeito de metáforas, nessa proposição encontraremos citação indireta, ou seja, uma referência à “revolta dos Rebeldes” como uma espécie de metáfora, em relação aos que lutaram pela implantação do sistema republicano em 1848. Assim, quando se lê “torturas inquisitoriais”, na proposição épica denominada de “Avant-propos”, além da interdiscursividade estabelecida com a história negativa da religião católica cristã, encontramos verdadeiramente mais um exemplo de metáfora, se pensarmos no termo como um registro simbólico dos percalços por que passou o próprio livro de Nísia. Descobrimos, assim, metáforas (e metonímias) para elucidarmos um pouco mais as frustrantes proibições (cortes na íntegra dos textos) a que estavam sujeitas obras revolucionárias, como foram as de Nísia Floresta.

É *A lágrima de um Caeté*, um poema complexo (na interpretação) para as instituições imperiais que promoveram a censura intelectual brasileira no século XIX, não se mostrou uma exceção da regra, sofrendo alguma espécie de censura. Nesse poema nisiano, existem oito cortes, entre algumas estrofes, por meio de linhas pontilhadas. A pesquisadora Duarte explica-nos que as lacunas que aparecem no poema, “(...) representadas por linhas pontilhadas e em número de oito, longe de constituírem recurso estilístico da época, parece que nos indicam a ausência de verso(s) e, quem sabe, até mesmo de estrofe(s)” (1995, p.109-110).

Após a proposição, o poema inicia situando, como espaço, as margens do pernambucano Rio Capibaribe:

Lá quando no Ocidente o sol havia  
Seus raios mergulhados, e a noite triste  
Denso ebânico véu já começava  
Vagarosa a estender por sobre a terra;  
Pelas margens do fresco Beberibe,  
Em seus mais melancólicos lugares,  
Azados para a dor de quem se apraz  
Sobre a dor meditar que a Pátria enluta!  
Vagava solitário um vulto de homem,  
De quando em quando ao céu levando os olhos  
Sobre a terra depois tristes os volvendo...  
(FLORESTA, 1997, p. 35)

Sob uma atmosfera melancólica, o eu lírico/narrador apresenta-nos um vulto de homem que, solitário, medita. Isso é feito, assim como em grande parte do poema, em decassílabos sem rimas fixas, contextualizando ainda mais esse texto nos padrões de liberdade formal e/ou de expressão do Romantismo. O poema prossegue até sermos apresentados ao herói Caeté. Cabe dizer que o eu lírico/narrador confunde-se muitas vezes com o próprio herói Caeté, em primeira pessoa. Através desse eu lírico/narrador, conhecemos um índio Caeté que apresenta declaradamente seu sentimento de vingança contra o invasor português e todos que a ele se aliarem.

O Caeté vai à guerra e ao encontro dos revolucionários. Após ouvir o grito de guerra “Eia, avante guerreiros!”, seguido de um grande estopim de armas, hiperbolicamente, comparado ao de um trovão, o herói indígena conseguiu ver melhor a cena e se deparou com Nunes Machado (1809-1848), um dos líderes da Revolução Praieira, morto. Na história e na ficção do poema épico

de Floresta, o personagem Nunes Machado é um deputado liberal pernambucano e um dos líderes da Praieira, chamado de herói pelo eu lírico/narrador. Inclusive, segundo Câmara (1941), Nunes e Manuel Augusto, o esposo de Nísia, foram amigos na Universidade de Olinda, ou seja, eles três foram amigos (1941, p. 123).

Diante do herói morto Nunes Machado, o herói Caeté, de joelhos, chora em razão de tal perda inestimável. Embora sozinho, o herói indígena parte para a guerra (da Praieira), mas é interpelado, em sua trajetória por uma entidade mitológica e feminina. Chamada de Realidade, de aparência horripilante, que ordena que ele desista da luta. A Realidade é tão feia, que causa horror ao Caeté, deixando-o receoso. Ela é comparada a uma figura infernal que pede ao herói que pare sua trajetória, já que o fruto da guerra dele contra o colonizador será o de perder a presença da fé (no ato de lutar), ao descobrir que ele, o Caeté, praticou um ato de loucura. Por que loucura? Somente depois, a Realidade explicará que se trata da loucura que consiste em o Caeté revolucionar-se, ao lado dos Praieiros. Ainda não convencido, o Caeté vê sair da cidade, partindo em direção à região da Mata do Catucá, em Pernambuco, outra personificada figura feminina: a Liberdade. A sedutora Liberdade, descrita como uma bela virgem, convida o Caeté para a batalha e vingança. Porém, quando estava seduzido pelo discurso apelativo da Liberdade, o Caeté percebe que, perto dela, no ar, aproxima-se um monstro, acompanhado das fúrias (entidades míticas gregas). Neste instante, o herói Caeté – que “Da terra não pode aos ares subir / Para ao lado pôr-se da virgem formosa / Pra quem a sua alma começa a sentir / Veemente amor, paixão primorosa” (FLORESTA, 1997, p. 53) – agoniza, impossibilitado de reagir contra a destruição iminente do povo indígena.

O Caeté estava seduzido pela Liberdade, adorando-a. Entretanto, ao ver as horripilantes “fúrias”, entidades mitológicas gregas, aproximarem-se da Liberdade, “Do bravo Caeté treme o coração” (Idem, ibidem), e o herói, mesmo aflito, estende não só as mãos, mas também os dois braços para a Liberdade segurá-los. De repente, o Caeté olha para o chão e se depara, novamente, com a Realidade, a travar com ele um novo diálogo. Depois que a Realidade confessa que não será tão feia, após ser compreendida pelo herói, o Caeté acusa-a de “cruel”. Ele quer salvar a Liberdade, mas a Realidade desaprova esse ato, pedindo para que ele dissipe suas ilusões. A Realidade, então, condecora como “filho dos bosques” aquele que o eu lírico/narrador tinha

designado como “grão-selvagem”, no início do poema. Se existe o título de nobreza de “grão-príncipe”, com a poética nisiana, pensamos no título de “grão-selvagem”. O herói, assim, preso aos limites de sua natureza também humana, questiona se é ilusão o que está vendo: a Liberdade ser destruída pelas fúrias e pela serpente. Depois disso, ele confessa que prefere perder a vida para a Realidade a ficar sem saber, se é verdade ou ilusão aquilo que visualiza: a morte da Liberdade.

A Realidade, personagem mítica, admite que não é ilusão o que o herói vê e completa, dizendo: “Mas não temas, que seja a tua bela / Do monstro que a persegue triste vítima...” (Ibidem, p. 54), pedindo que ele apenas a contemple. A Realidade revela ao Caeté a identidade do monstro: o despotismo. O índio Caeté resolve voltar à mata, como a Realidade havia aconselhado. O Caeté finda sua trajetória às margens do Rio Goiana, em Pernambuco, buscando respostas para suas perguntas. Seus questionamentos revelam uma consciência crítica. Na antepenúltima estrofe do poema, surge fulminante a postura crítica de um herói Caeté que, ao discursar, clama solitário:

- Goiana!...clama ele ali vagando,  
Mais triste do que lá no Beberibe:  
Onde está teu Herói? o filho teu!  
- No céu...

- No céu... responde o eco! E sabe o mundo  
Suas grandes virtudes; sabe a glória,  
Que seu nome deixou, nome imortal  
Na Pátria!  
(1997, p. 56)

A pergunta “Onde está teu herói?”, no contexto do poema nisiano, é também enigmática. A fuga do Caeté, mais que um ato romântico, representa uma forma de visão realista do índio pós-colonial. A pesquisadora brasileira Gabriela Pellegrino Soares, em recente pesquisa sobre direitos indígenas, no México, observa que:

Isolando-se em fugas para o mato, rearticulando-se em aldeamentos que congregavam etnias diversas e que precisavam ser continuamente reinventadas do ponto de vista identitário, miscigenando-se nos espaços em que se lhes era possível inserir, povos indígenas do Brasil chegaram ao século XX com um fôlego surpreendente para lutar por terras e direitos (2013, p. 364).



Sabemos que a escritora Nísia Floresta escreveu o poema épico *A lágrima de um Caeté*, durante o Romantismo Brasileiro. Floresta viveu na época de consagrados escritores brasileiros, inovadores e intelectuais, como Gonçalves Magalhães e Gonçalves Dias, que apresentavam formas e estilos que mesclavam métricas e rimas, libertando as amarras que polia o verso de modo clássico no Arcadismo. Em seu livro *História de Nísia Floresta*, o professor e sócio fundador da Academia Norte Rio-grandense de Letras, Aauto Câmara avalia a importância da contribuição literária da escritora e do poema sobre o herói Caeté:

Nísia era discípula do renovador da nossa poesia, Gonçalves Magalhães. A influência do autor de **Suspiros poéticos** e das **Poesias** é sensível nos versos, na inspiração, nas imprecisões do poema de Nísia, na descrição das belezas nativas, no viver feliz do nosso incola, antes da conquista. O mesmo se pode dizer da influência de Manuel de Araújo Porto Alegre. Os únicos dos nossos poetas que andam, vez por outra, citados por Nísia, são Magalhães, Gonçalves Dias e Santa Rita de Durão. Notam-se afinidades evidentes entre o corifeu do nosso romantismo e Nísia Floresta. Na **Confederação dos tamoios**, muito posterior à **Lágrima de um caeté**, há estrofes inteiras que diríamos inspiradas no poema de Nísia, cujos motivos eram o mesmo: exaltação do selvícola, anátema sobre o conquistador branco, a beleza edênica das matas brasileiras. Seu poema não é em nada inferior às produções poéticas dos nossos primeiros românticos, desde Gonçalves de Magalhães e Porto Alegre, sem embargo de andar inteiramente alijada das antologias e compêndios de literatura, a começar de Fernandes Pinheiro, até Ronald Carvalho e de Manuel Bandeira, exceção apenas de Sacramento Blake, que lhe dedicou algumas linhas muito lacônicas, com informações inexatas, e de Afrânio Peixoto (CAMARA, 1941, p. 121-122).

Em posse desse arcabouço de estudos críticos sobre Nísia Floresta e sobre a poesia épica, resolvemos dar início à empreitada da pesquisa de conclusão de mestrado que se fundamentou teoricamente no desenvolvimento de estudos sobre o gênero épico a partir de *Semiotização literária do discurso* (1984), obra teórica de Anazildo Vasconcelos da Silva, e *Poemas épicos: estratégias de leitura* (2013), livro escrito por Christina Ramalho, de modo a compor a necessária bagagem de conhecimentos críticos e teóricos que nos permitiriam definir e organizar estratégias de ensino, a fim de levarmos jovens estudantes do Ensino Fundamental, mais especificamente do 9º ano (Nível Fundamental), a vivenciarem momentos estimulantes de contato com uma obra poética, na íntegra, e com as questões críticas, desenhadas através da leitura do poema nisiano.

Aceitamos o desafio, partindo de uma ideia inicial despertada pelo próprio contato com a força imagética da obra: aliar leitura e ilustração, de modo a levar jovens estudantes a

materializarem, através de desenhos, as experiências que vivenciaram, enquanto leitores da épica nisiana.

Dividimos nossa pesquisa em cinco capítulos e, discriminando o passo a passo do trabalho realizado, já no capítulo 1, das considerações teóricas, decidimos pela divisão dessas considerações em duas partes. Na primeira parte, debatemos sobre o lugar do texto literário no Ensino Fundamental, desenvolvendo o desejável exercício de uma crítica consciente, dialogando com autores que defendem soluções, no que diz respeito a um ensino mediado e motivado de língua e literatura, focalizado na busca do sentido de cada texto literário, seja canônico ou não. Entre os autores estudados, destacamos: Sílvio Romero, Lúcia Santaella, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, Umberto Eco, Tzvetan Todorov, Roland Barthes, Rildo Cosson, entre outros. Através desses autores, pudemos defender argumentos sobre a imprescindibilidade do texto literário no que tange à mediação de um ensino que priorize o estímulo à leitura.

No capítulo 2, discutimos sobre as considerações críticas acerca de *A Lágrima de um Caeté*, de Nísia Floresta, inspirando-nos nas pesquisas de Adauto da Câmara e de Constância Lima Duarte. Um pouco antes, durante as nossas considerações teóricas, priorizamos (e analisamos) o tema do “heroísmo épico”, com vistas à teoria da semiotização literária do discurso, proposta nas obras de Anazildo Vasconcelos da Silva e de Christina Ramalho.

Pensar sobre poesia épica e romântica do século XIX tem sido viável a partir das respaldadas pesquisas acadêmicas de Anazildo Vasconcelos da Silva e Christina Bielinski Ramalho, entre outros(as). Eles partem da ideia de Silva de que os discursos pertencem a semióticas culturais, pois “são semiologicamente neutros, isto é, não determinam a natureza significante de suas manifestações, que é uma atribuição das semióticas que os investem” (2007, p. 26). Esses dois pesquisadores são responsáveis pelo resgate dos estudos épicos nacionais em âmbito nacional e internacional. Inclusive, Ramalho articulou uma rede internacional de pesquisa de estudos literários por meio do CIMEEP/UFS - Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos da Universidade Federal de Sergipe. A cada século, os estilos literários são atualizados pelos artistas num processo ideológico e crítico, como foi o caso das escolas românticas e modernas brasileiras. Sendo assim, a contemporaneidade é ainda até hoje arrematada pelo

discurso épico, retoricamente atualizado. De acordo com a teoria de Anazildo Vasconcelos da Silva:

O discurso épico caracteriza-se por sua natureza híbrida, isto é, por apresentar uma dupla instância de enunciação, a narrativa e a lírica, mesclando por isso mesmo, em suas manifestações, os gêneros narrativo e lírico. (...) Com a conversão da proposta aristotélica em teoria do discurso épico, impõe-se o reconhecimento da epopeia apenas por sua instância narrativa, predominante na elaboração discursiva da épica clássica, fazendo com que a crítica, inadvertidamente, arrolasse a epopeia ao gênero narrativo, figurando-a ao lado de uma narrativa de ficção (...) (Ibidem, p. 49).

Em simbiose com essa teoria, no capítulo 3, apresentamos uma proposta metodológica para medirmos um ensino sobre heroísmo épico com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual Arabela Ribeiro, em 2015. Após a realização de nossas reflexões sobre o ensino de língua e literatura, de poesia épica e da obra literária de Nísia Floresta, elaboramos uma proposta de mediação que fosse capaz de estimular a leitura de poesias (longas) entre os jovens. Ao mesmo tempo, buscamos os estudos que se direcionam para uma valorização das “variedades do português brasileiro como elemento de identidade cultural, apontando também as nomenclaturas afro-brasileiras e indígenas como constituintes dessa identidade” (REFERENCIAL, 2011, p. 81). Nesse sentido, percebemos, inclusive, que, em menos de dez anos de promulgada, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9394 / 96) foi alterada ou modificada pela Lei 10.639, em 9 de janeiro de 2003. Esta lei determinou a obrigatoriedade temática, não apenas da História e Cultura afro-brasileiras, mas também, a dos povos indígenas em nosso território, fortalecendo ainda mais aquela.

Desde o princípio, através de enquetes (questionário com perguntas) investigamos os conhecimentos prévios de estudantes da turma selecionada para executar cada vez melhor a realização de nossa ação pedagógica e artística. A nossa metodologia de ensaio versou sobre um projeto educacional que construímos: “Poesia ilustrada 2015”. Esse projeto foi pensado para o 9º ano e aconteceu atrelado à exibição de um documentário (audiovisual), intitulado *Nísia Floresta: uma mulher à frente de seu tempo*, produzido pela emissora de televisão pública, a TVNBR. Depois disso, em etapa subsequente, fizemos a leitura em voz alta do poema sobre o Caeté e buscamos motivar estudantes a ilustrarem a obra poética romântica de Floresta, cujo heroísmo épico centrado na figura do índio relaciona-se ao movimento artístico e literário conhecido como

Romantismo. Nísia Floresta aliou-se à veia mais crítica e revolucionária (estética e política) possível do movimento romântico, ao compor o poema *A lágrima de um Caeté*. Na época, muitos leram o poema nisiano como uma obra engajada, pois o protagonista Caeté participa da Revolução Pernambucana da Praieira, em 1848. Um ano depois, o Rio de Janeiro conheceu o poema longo de Floresta, censurado (e depois aprovado) pelo poder imperial.

Vimos com o intuito de estimular a leitura do texto literário e contribuir para a construção do patrimônio literário nacional, a partir do envolvimento de jovens estudantes com repertórios artísticos da Literatura Brasileira, embora pouco visitados pela crítica em geral e pouco presentes nas escolas brasileiras, são de enorme valia para propiciar maior intelectualidade a todos. Por isso, publicamos as ilustrações dos(as) estudantes, produzidas durante o projeto, em um site e na nossa biblioteca escolar, no CEAR, localizado no município sergipano de Estância, no Brasil.

Disponibilizamos nosso projeto na internet. O endereço eletrônico para acessá-lo é: << [sites.google.com/site/alagrimadeumcaete](http://sites.google.com/site/alagrimadeumcaete) >>. Simultâneo às publicações na internet, publicamos um livro impresso, a fim de compor o acervo na biblioteca do CEAR.

O capítulo 4 referiu-se à análise de dados. Após a análise de dados, obtidos com a aplicação de duas enquetes, facilitados em sua interpretação por seis gráficos que construímos com esse propósito, questionamos novamente o seguinte: como criar em jovens unanimidade, quanto ao estímulo à leitura? Para alcançar essa unanimidade, no início da pesquisa, havíamos definido como um *corpus* possível o poema *A lágrima de um Caeté* e estimulamos, depois, a leitura desse poema com uma metodologia de ensino específica para o Nível Fundamental. Não obstante, após nossa análise de dados, quando já tínhamos, inclusive, realizado “verificações avaliativas de aprendizagem” (disponível em nosso site), percebemos que a nossa missão de estimular a leitura poderia ser aprimorada. Em suma, reconhecemos os avanços educacionais obtidos com nosso projeto, já que ele, ainda que de forma parcial, mesmo assim, atuou na modificação do perfil de leitor das pessoas jovens, não obstante, precisávamos acrescentar uma última dinâmica ao site e, simultaneamente, ao projeto “Poesia ilustrada 2015”.

No capítulo 5, apresentamos uma proposta para enfrentar o problema: como estimular a leitura? De fato, corrigir essa ausência de estímulo à leitura do texto literário, detectada ao

decorrer de nossa análise de dados, tornou-se uma conduta ética, a nosso ver, que se misturou a uma vontade científica, e, para concluirmos com êxito a nossa missão educacional, pensamos em reconduzir o texto poético para a sala de aula. Entretanto, dessa vez, optamos pelo acesso da turma ao laboratório de informática da nossa escola. Lá, juntamo-nos na mediação de um jogo educacional intitulado “Pode perguntar”. Vale ressaltar que esse jogo é executado com o auxílio do nosso site. O jogo “Pode perguntar” trata-se de uma dinâmica lúdica que apresenta um objetivo muito defendido entre aqueles que pesquisam o ensino de Língua e Literatura: desvendar possíveis significados para o texto (frases e palavras) literário. Foi assim que ensinamos, nesse capítulo, como brincar com a significação, muitas vezes polissêmicas, das palavras. Com essa proposta lúdica, visamos enfrentar o problema educacional bastante disseminado no Brasil: o desinteresse pela leitura. Concluiremos o nosso relato com breves considerações sobre a questão de continuar disseminando uma mediação de ensino sobre a poesia épica nisiana, possibilitando a elaboração de novos sites, para divulgar a genialidade dessa escritora.

### **Considerações finais**

Aprendemos com a nossa pesquisa a elaborar uma aula sobre Nísia Floresta, usando como corpus, simultaneamente, sensível e possível, o poema A lágrima de um Caeté. Mesmo assim, preferimos delimitar o enfoque a ser ensinado, escolhendo o “heroísmo épico”. Entretanto, sabíamos que, assim como o poeta possui a liberdade (da licença poética), a nossa pesquisa seria dotada também de uma espécie de liberdade: a inovação científica. Em busca da inovação didático-científica, pensamos em utilizar o estilo de Nísia (romântico), eivado de um rigor estético crítico (realista), para motivarmos a prática de um ensino de vida, embora escolar. Com esse ensino, os(as) estudantes atuaram envolvidos em conhecimentos científicos capazes de modificar o mundo onde eles/elas vivem. Em nosso caso, particularmente, optamos pela republicação de A lágrima de um Caeté, de Nísia Floresta, tanto na biblioteca escolar do Colégio Estadual Arabela Ribeiro, quanto em nosso site na internet.

Ficamos felizes em saber que conseguimos, ao longo desses dois anos de Mestrado Profissional, transformar a nossa pesquisa em um momento de ensino sobre a Literatura

Brasileira e, também, registrar todo o projeto “Poesia ilustrada 2015”, nesta Dissertação, além, é claro, de enriquecermos o acervo da nossa biblioteca escolar do Colégio Estadual Arabela Ribeiro, em Sergipe. Atualmente, estamos reaplicando o projeto de Mestrado em outro município sergipano: Santa Luzia do Itanhi. Escolhemos o nono ano do Colégio Estadual Comendador Calazans, no ano letivo de 2015, sob a coordenação de Luciana Costa Paixão e direção de Maria Aparecida Torres Barreto e compartilhamos com a cidade sergipana de Itanhi, o projeto “Poesia ilustrada 2015”, de modo a continuar mantendo vivo o desejo de divulgar essa esquecida obra romântica.

Embora não seja possível acrescentar novas experiências a TCF (Trabalho de Conclusão Final), registrarmos outras ações realizadas e a realizar, como o produto de novos artigos científicos, teorizando (e/ou dissertando) sobre novas ações pedagógicas, que integrem interpretações textuais a ilustração de poemas épicos, a fim de estimular pessoas jovens à leitura. Para dar continuidade do envolvimento com a valorização da presença do texto épico na escola, contaremos com o apoio e o respaldo teórico-científico oferecido pelo(as) integrantes do CIMEEP/UFS (Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos da UFS). Pensamos, enfim, em um ensino brasileiro pautado em uma educação continuada e, com o decorrer de outras futuras experiências pedagógicas, desejamos continuar a alimentar nosso site A lágrima de um Caeté com ilustrações de outros(as) estudantes sobre as estrofes (e/ou episódios) do poema épico de Nísia Floresta. Em outras palavras, quem ensina é quem media e, ao mediarmos uma educação de jovens, precisaremos sempre de estudo e de pesquisa, além do bom senso, é claro, para o sucesso em nossa jornada de ensino.

### **Referências bibliográficas**

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

ARISTÓTELES. **A poética clássica: Aristóteles, Horácio e Longino**. Trad. Jaime Bruna. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BLACKBURN, Robin. **A construção do escravismo no novo mundo: do Barroco ao Moderno (1492-1800)**. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂMARA, Adauto da. **História de Nísia Floresta**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1941.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5ª ed Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CONDEMARÍN, Mabel e MEDINA, Alejandra. **Avaliação autêntica: um meio para melhorar as competências em linguagem e comunicação**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica nossa capacidade de ler**. Trad. Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: vida e obra**. Natal: Editora Universitária (UFRN), 1995.

DUARTE, Constância Lima. Nísia Floresta e Mary Wolstonecraft: diálogo e apropriação. In: RAMALHO, Christina (Org.). **Literatura e Feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Elo, 1999, p. 85- 96.

ECO, Umberto. **Interpretação e Superinterpretação**. Trad. Monica Stahel. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2012.

FLORESTA, Nísia. **A lágrima de um Caeté**. Ed. atualizada com Notas e Estudo Crítico de Constância Lima Duarte para a 4ª edição. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

FLORESTA, Nísia. **Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte**. Constância Lima Duarte (Org.). Trad. de Miguel Lemos e Paula Berinson. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

FLORESTA, Nísia. **Inéditos e dispersos de Nísia Floresta**. Constância Lima Duarte (Org.). Natal: EDUFRN - NCCEN, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo; PIÑÓN, Ana. **A temática indígena na escola: subsídios para os professores**. São Paulo: Contexto, 2011.

GOMES, Carlos. **Ensino de literatura e cultura: do resgate à violência doméstica**. Jundáí: Paco Editorial, 2014.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

HEGEL, G.W.F. **Curso de estética: o sistema das artes**. Trad. Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JOUBE, Vicent. **Por que estudar literatura?**. Trad. de Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa. Do intertexto ao hipertexto: as paisagens da travessia. In: **Memória, literatura e tecnologia**. ANTUNES, Benedito (Org.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005, p. 27-36.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Trad. Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. El indigenismo en Brasil: migración y reapropiación de un saber administrativo. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (Comp.). **Hacia una antropología del indigenismo: estudios críticos sobre los procesos de dominación y las perspectivas políticas actuales de los indígenas en Brasil**. Rio de Janeiro/Lima: Contra capa, 2006, p. 97-126.

MARIÁTEGUI, José Carlos. El indigenismo en la literatura nacional. In: CASTRO, Manuel Aquézolo (Comp.). **La polemica del indigenismo**. Lima: Mosca Azul Editores, 1987, p.31-38.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia**. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. 20ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

PERRENOUD, Phillipe. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Trad. Patrícia Chitton Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.



PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

PIVA JÚNIOR, Dilermano. **Sala de aula digital: uma introdução à cultura digital para educadores**. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

RAMALHO, Christina. **Elas escrevem o épico**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005.

RAMALHO, Christina. **Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Tese de Doutorado.

RAMALHO, Christina. **Poemas épicos: estratégias de leitura**. Rio de Janeiro: Uapê, 2013.

RAMALHO, Christina Bielinski; PEREIRA, Waldemar Valença. A recepção teórica à poesia épica. In: **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 1, p. 128-144, jan.-abr. 2014. Disponível em: << <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/download/650/713>>>. Acesso: 05/01/2015.

RAMALHO, Christina; VIANNA, Beto (Orgs.). **Olha o poema na escola**. Aracaju: Infophrafics, 2014.

REFERENCIAL CURRICULAR: REDE ESTADUAL DO ENSINO DE SERGIPE. Disponível em: <<[http://seed.se.gov.br/arquivos/Referencial%20Curricular\\_23-07-12.pdf](http://seed.se.gov.br/arquivos/Referencial%20Curricular_23-07-12.pdf)>>. Acesso: 01/08/2015.

ROMERO, Sílvio. **Literatura, história e crítica**. Luiz Antônio Barreto (Org.). Rio de Janeiro: Imago Ed.; Aracaju-Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2002.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Trad. Ernani F. da F. Rosa. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de Imagens**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2012.

SILVA, Anazildo Vasconcelos; QUESADO, José Clécio Basílio; DANTAS, José Maria de Souza. **Desconstrução/construção no texto lírico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

SILVA, Anazildo Vasconcelos. **Semiotização literária do discurso**. Rio de Janeiro: Elo, 1984.

SILVA, Anazildo Vasconcelos; RAMALHO, Christina. **História da Epopéia Brasileira: teoria, crítica e percurso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro e ZILBERMAN, Regina. **Literatura e Pedagogia: ponto & contraponto**. Porto Alegre - RS: Mercado Aberto, 1990.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Direitos ancestrais indígenas, mediações culturais e horizontes políticos do presente. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). **O Brasil em dois tempos: história, pensamento social e tempo presente**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 357-369.

TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

XAVIER, Elódia. Para além do cânone. In: RAMALHO, Christina (Org.). **Literatura e Feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Elo, 1999, p. 15-22.